



Visado pelo  
Comissão de Censura

# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X ■ N.º 258 ■ PREÇO 1\$00



## Aqui, LISBOA!

Um padre que dê a sua vida à vida dos Pobres, muitas vezes ouve sermões que nunca seria capaz de pregar! Eu queria que todos o escutassem da boca do pregador naquela azinhaga lamacenta, agora fechada ao trânsito e franqueada aos emigrantes que de todas as nossas provincias ali vêm acampar. Queria... mas por impossível, tenho de me arriscar ao relato do que não posso guardar só para mim.

O nosso homem é operário curtidor. Trabalhou em Vila Moreira; depois, pertinho de Lisboa, de onde, desafiado por um patrão de lá, se passou a terras de Espanha. Ali viveu 14 anos. Casou. Nasceram-lhe os primeiros filhos. Viviam bem e feliz. Depois foi a guerra. Ele não tinha nada com a guerra muito menos guerra entre irmãos. Em risco de ser levado por ela, levou ele todos os seus para Casablanca, depois para Tânger, onde viveu tempos tranquilos.

Porém, ele é português: sofria do mal de saudades... Diziam-lhe que por cá tudo era farto e feliz... Um dia não pode mais e regressou.

De novo conseguiu trabalho em sua terra, mas breve sobreviu uma crise na indústria de curtumes e os empregados recentes tiveram de partir.

Desde então, tem peregrinado por aí, vivendo de fotografias «a la minute», ou vendendo uma espécie de caramelos que ele mesmo fabrica.

A sua barraca é um trapinho de pano cru, onde se abrigam o casal e 4 dos 7 filhos. No entanto ele queria uma casa. Não se importava mesmo de roubar à barrega e ao fato para dormir dentro de quatro paredes, cobertas por um teto mais alto do que ele. Mas, um andar em Moscavide, custa 600 ou 700 escudos e um quarto só se aluga a casais, sem filhos.

É um escândalo, não acha, Sr. Prior?

Eu baixei os olhos e achei. E fiquei triste, mesmo zangado... com ninguém.

Compreendo que quem aluga partes de casa prefira o sossego de pessoas só ao bulício inseparável de onde crianças. Faço um esforço por compreender que haja tantos a construir prédios de aspecto senhoril a 700 escudos e mais cada fogo, para depois serem ocupados por colmeias, cujo nível de vida aquela fachada parece ironizar. Mas doi-me o erro que anda no ambiente, com culpa não sei de quem, com culpa de todos nós. É uma ausência de

espírito, uma falta de simplicidade original, que faz procurar soluções complicadas para os problemas tornados difíceis pelos homens, quando o remédio verdadeiro, há-de ser simples pela própria força da Verdade. É uma saturação de egoísmo e de ganância. Uma cegueira que nos pode perder.

Eu não disse, mas pensei. É um escândalo, sim meu amigo. Um escândalo de que eu sou também escandalizador!

Ele ia falando. É um homem aberto e parece gostar de nos ver.

—Sabe, sr. Prior, os pobres têm um amigo. É Deus. A gente farta-se de pecar e Deus perdoa sempre. E depois... o homem aguenta muito. Se hoje há fome, amanhã há fartura... que Deus aperta, mas não afoga...

*Deus aperta, mas não afoga...*  
Nos meus ouvidos ficou durante muito tempo o eco da sua voz e eu nem ouvi o conferente no retiro do dia seguinte, que a pregação fora na véspera com cinco palavras só: *Deus aperta, mas não afoga...*

### Campanha de Assinaturas

**O Ultramar está chegando. Tete vai à frente. Listas de assinantes de Tete! Outras vilas. Outras cidades. Povoações. Lugares. Aonde um português aí uma voz a chamar! América também. Não são os americanos, já se vê. São os nossos que andam por lá e gostam de ouvir o recado que *naquele tempo mandou Jesus pelos emissários do Baptista... os coxos andam, os cegos vêm, os mortos ressuscitam, os Pobres são anunciados; e feliz quem se não escandalizar.***

**Os auxiliares do Avelino estão em forma. O serviço prova eficiente. Eles armam e arquivam 500 fichas por quinzena. Fichas estas que eles cortaram e imprimiram e agora preenhem.**

Eu repetia de vagarinho, nem era eu que repetia... era aquela Verdade que se repetia dentro de mim, afirmação tão linda e achava-lhe o sabor de uma queixa. Noiteor da nossa conversa encontrava fundamento para subentender: «Os homens apertam, e às vezes, também afogam».

Os homens... Talvez nenhum homem bem determinado, mas todos genericamente—o que é bem mais grave—do que se fossem certos homens apenas e não mais. Estes certos e bem determinados existem, mas poucos dão por eles, e se dão, não os denunciam. Os outros, a maioria, vivem blindados em insensibilidade. Não vêm; não sentem; não se afligem; tacitamente dão consentimento. Ou julgam viver no melhor dos mundos possíveis, ou encolhem os ombros com um sorriso descrente, enquanto dizem que não vale a pena tentar nada. Da complexidade do problema concluem a dificuldade da solução, quando a própria força da Verdade exige que a solução seja simples. Cega ou covarde é a maioria! De um modo ou de outro sem Fé!

Cristo veio estabelecer o Seu Reino mas ao fim de tantos séculos, ainda são pouco numerosos os cidadãos. Poucos e de pouca qualidade.

Os homens procuram na sua inteligência a forma de não apertar. São orgulhosos. Querem ser mais do que Deus. Não conseguem o seu fim e acabam mesmo por afogar.

Banir o sofrimento da face da terra, além de utopia é blasfêmia.

E depois o sofrimento não é sinónimo de inteligência. Ele é mesmo bom material de construção. Cristo alicerçou com Sua Paixão o edifício do Reino. As pedras das paredes não podem ser de natureza diferente. É este Reino o modelo começado que aos homens cumpre acabar. Não é difícil, embora custe sangue e suor.

Nele é Deus o Rei. *E Deus aperta mas não afoga...* Por isso só nele o homem é feliz; só nele é verdadeiramente humano; só por ele ama este mundo e os outros homens, enquanto espera a fase eterna do mesmo Reino para o qual se sabe destinado, aquela fase em que se não aperta nem afoga e se merece aqui com o algum aperto que nunca chega a afogar.

No Reino de Deus sobre a terra não haverá andares de setecentos escudos e mais, em prédios com fachadas, que são ironia para quem lá mora. Não haverá o escândalo de não poder ter filhos quem desejar uma parte de casa, por não haver com que a possuir inteira. Não haverá erro diluído no ar que respiramos. Quando nos zangarmos saberemos com quem e saberemos porquê. Have-

### UMA CARTA

«Leitor assíduo do «Famoso», penaliza-me bastante que a classe a que pertence, não tenha enfileirado naquelas que tanto têm beneficiado a altruísta e caritativa Obra. É certo que sobre os Ferroviários pairam actualmente os ventos desfavoráveis do infortúnio. Mas isto não é o bastante para que cada um dos 30.000 componentes da classe, não possa contribuir com 1\$00 mensal e, se assim o quiserem, por uma só vez afim de se construir 2 moradias que seriam o padrão a atestar que os ferroviários estão de alma e coração com a Obra.

Ajude-me no «Famoso», a espezitar, a estimular o brio generoso da minha classe e verá que não será em vão que para ela se apelará.

Intitular-se-ia essa dádiva como «O escudo para o Património dos Pobres» que tantas simpatias conta no nosso meio».

É escrita à mão. É assinada com nome e sobrenome, tudo bem legível.

Os senhores devem ter visto em o número passado, o que foi de povo, na inauguração de uma casinha em Valongo; devem ter visto as fotografias. Pois bem. Segundo ouvi dizer, toda aquela gente ia munida de tostões para me entregar! Era outra casa, se eu pudesse ter ido. Eu não posso.

Mas ficou o desejo na alma de todos. O homem é a vontade. Só ele é capaz do sim ou do não. Os tostões que então dariam, dão, se e quando lhes for pedido. É questão de aparecer alguém e organizar. Mais nada.

Ora é isto justamente o que vai acontecer, no meio deste exército de 30.000 homens. Embora parem hoje sobre eles os ventos desfavoráveis do infortúnio, não lhes falta vontade de ajudar os mais infortunados; e vão dar-lhes casas!

rá menos fome e menos fartura. Haverá mais certeza e mais amor. Haverá paz entre os homens e no interior de cada homem.

Não digo como este reino se fará. É simples e vem no Evangelho. Quando iremos ao Reino de Deus?

ENG. CARLOS GALAMBA  
um padre da rua

Esta coluna do jornal é um hino peregrino e glorioso à presença do Supremo Criador no meio dos seus. Não é por causa das boas acções que Ele se nos manifesta, mas sim e unicamente pela Sua misericórdia. Quando alguém me diz nas cartas a sua palavra comoveu-me, não diz a verdade toda. Fala do que lhe parecer, mas na realidade não é. Deve-se dizer *Deus tocou-me*. O homem de por si não transmite nada ao homem, a não ser doenças! Aquilo que os outros tomam por qualidade pessoal, é um dom de Deus. De todos os tempos os profetas, os apóstolos e os mártires, são escolhidos e chamados e mais nada. O resto não é obra sua.

Esta coluna é uma afirmação. Nasceu no semanário «Correio de Coimbra» e está hoje neste quinzenário. Vinte anos sem desgastes nem enfados. De manhã cedo, os mesmos propósitos, mesmo ideal, um só começar. O Calvário não cansa!

Mais do Porto 100\$. *A vida há seis anos a esta parte tem-nos corrido mal, não obstante...* Assim se fazem actos de fé,—com dor.

Eis uma carta a confirmar a doutrina do cabeçalho:

«Perdoe-me o tempo roubado, mas a minha alegria interior é tão grande com a vida nova que graças a N. Senhora encontrei, que quero comunicá-la aos outros.

Nós, os farrapões, somos assim, exultamos com a alegria que nos vem de dentro e não sabemos nem podemos ocultá-la. Farrapões nem sempre são os que entregam farrapos; há os outros, os piores.

—Devo dar graças a Deus, mas não o sei fazer, queria rezar como rezam as almas grandes, mas sou demasiado terra para o fazer. Peço contudo a Deus que aceite as minhas tão pobrezinhas orações como se elas fossem dum bom filho do Senhor.

Faço do meu melhor e creio firmemente que Jesus me ouvirá a orar.

Envio-lhe 70\$, produto de um dia de trabalho, dedicado mensalmente aos pobres e de algumas viagens feitas a pé. 50\$ serão para agasalhos de cama destinados a uma pobre mãe desamparada.

Que Deus nos aumente a fé e nos mantenha na Sua Infinita Graça a fim de que um dia nos encontremos todos no Céu.

UM JOVEM CICATRIZADO.

Assina-se um jovem cicatrizado. Comenta-la? Quem? Mais 500\$ do Seixal. Mais 100\$ de algures. Outro tanto do Porto. Não. Poderia talvez distribuir aí à porta, por alguém que ande ao papel, os jornais de que nos fala. Mais esta carta do Porto:

«Há muito que leio o seu Gaiato, e que sinto o desejo de contribuir com o meu óbolo. Porque eu e o meu marido somos funcionários, nunca tive a felicidade de poder mandar-lhe umas migalhas do nosso ordenado, porque nunca há migalhas de sobra. Hoje, tomei a resolução de lhe mandar 30\$, no primeiro dia do mês. É muito pouco para as necessidades dos seus pobres; a mim alguma falta me vão fazer, mas Deus me ajudará a remediar-me.

Espero que Deus me ajude ainda a poder contribuir para a construção de uma casinha para um pobre, pois que sinto dolorosamente todo o desconforto que devem sentir, nas noites gélidas de inverno, todos aqueles que a vida atirou para as valetas. Não queria motrer sem ter a grande felicidade de contribuir também, na medida do desejo. Meu bom Pai Américo, peça a Deus que me ajude e conserve sempre acesa em meu coração a chama da caridade».

Mais confirmações. Notem o final da carta! Notem a santa ousadia;

## Da que nós necessitamos

somos funcionários e propõe-se contribuir para uma casa para os pobres! Mandaram os 30\$00 no dia em que receberam e vai-nos fazer falta. Oigo dizer que os deputados vão levantar no parlamento a questão do vencimento dos funcionários. Não é preciso. Ela está aqui. Mais de Gaia 234\$—o primeiro ordenado de meu filho. Mais 20\$ de Leiria. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 800\$ da Beira com esta notícia:

«Resolveu um grupo de empregados da firma The Manica Trading Co., desta cidade, continuarem a subscrever-se em prol da «OBRA DA RUA», tendo ainda ficado resolvido que a comissão angariadora de fundos, enviase mensalmente o produto dessa subscrição, para ser distribuída, conforme melhor entender, pelos «seus pobres», ou melhor, pelos nossos pobres».

Esta firma é uma das mais antigas da Beira. Era a das barcaças, antes de existir o cais acostável. Ela e a Beira Boating, possuíam frota e pessoal eficientes. Davam despacho à navegação. Admirei o seu edifício actual; dantes era o clássico de madeira e zinco e muitas esterlinas e muito whisky e muito trabalho. Oh tempos! Pois que o Mário Pinho não deixe apagar a luz. Mais do Porto 150\$. Mais 20\$ de Pardelhas do primeiro dia de trabalho de meu irmão. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 10\$ das Fontainhas. Sou pobre, vivo do meu trabalho, mas mando 100\$00. A caligrafia é de quem mal sabe escrever, e diz tanto...! Outro tanto de um casal muito saudosos por dois filhos ausentes. E matam assim as saudades...! Mais mil escudos de Inharrime, para a família que habita a Casa de Inharrime. Mais 100\$ de Lourenço Marques, para a família de uma das casas daquela cidade. Da mesma terra 500\$. Quem fala em distâncias? Quanto mais longe—mais perto! Uma anónima muito pecadora, manda 20\$ com um pouco de sa-crifício. Mais 200\$ do Porto. Mais outro tanto de Barcelos. O mesmo de Lourenço Marques. Da Gafanha da Nazaré 300\$. Mais 100\$ de Oliveira de Santa Maria. Outra vez Lourenço Marques com 20\$. Até nestas pequeninas e repetidas ofertas sentimos que ali é bem Portugal! Mais outro tanto de Lisboa. Mais de Gondola, selos de borboletas, 150\$ para a viúva da nota da quinzena. Como estes casos chegam tão quentes e regressam aqui, sem perder nada do seu calor! Mais 250\$ de um Sindicato de Delães. Esperemos que nos não peçam recibos, tão pouco acusar a recepção. Não peçam. Não temos gente! Aqui, ou confiança ou nada. As Obras que falei! Mais 100\$ do primeiro ordenado do meu marido. Oh ternura! Mais metade do Porto e Deus nos ajude a suavizar as amarguras dos pobres. Mais ternura. Mais dois contos do Porto. Mais 100\$ idem. Mais 20\$ de Lourenço Marques. No próprio dia de Natal, recebemos um vale telegráfico de 160\$ para a consoada da viúva de oito filhos. Era rótulo de urgência. Imediatamente se deu cumprimento. Não temos agentes em vários pontos. Poder-se-ia chamar assistentes sociais, se fossem munidos de papel e tinta. Assim não. Temos de ter destes agentes para nos auxiliar na distribuição. Diáconos e diaconizas. Eis. Mais 10\$ de Braga. Mais 50\$ de Lourenço Marques. Rexe por uma alma em sofrimento, assim

termina. Também lá...! A Redenção é universal. Mais o dobro de Lisboa. Maria Alice sim. Celebrei Mais 100\$ de Santarém.

Mais 20\$ de Águas Santas. Mais da Beira para os Batatas, uma batelada. Quando digo Beira, quero dizer A'frica. Sim; recebemos aparelho e dinheiro. Mais 500\$ de Lisboa. Mais outro tanto. Vimeiro. Oeste sim. Recebemos. Aqui vem ter tudo. Nada de receios. Nada se perde. É o próprio Deus que remete! Mais 100\$ de Vila Luso, A'frica. Mais 20\$ da Maia. Mais «qualquer coisa» da Marinha Grande. Mais 100\$ de algures. Outro tanto de Lisboa. Mais 150\$ de Lisboa, de um grupo de funcionários dos Serviços Médicos Sociais. Mais 20\$ de Coimbra. Outro tanto de Geraz do Lima. Mais 50\$ para uma família numerosa. Mais 40\$ de «uma louca da Obra da Rua».

Pois sim. Esta e outras. Muitas e muitos. Cristo foi dado por louco! Mais 100\$ da Maria Helena. Mais 100\$00 de Viseu. O mesmo de Castellos. Idem da Penha de França. Mais 20\$00 de Lisboa. Mais cinco contos do Porto. Mais outro tanto depositado no Espírito Santo. Mais outro tanto do Rio. Mais 70\$00 do Porto. Somos 6 raparigas costureiras que resolvemos amealhar. Quatro somos orfãs. Uma é protestante. Um só pensar. Um só agir. Um só verbo! Cão e gato e rato a comerem de um mesmo prato. Só o Evangelho! Mais 100\$00 do Porto. Mais 350\$00 de Lisboa. E 100\$00 do Porto. Mais o dobro de Viseu. Outro tanto do Estoril. Mais 25\$ de Pinhel. Mais 200\$00 de Vila Pery, A'frica. Mais 150\$00 do Caramulo. Mais 50\$ de Trancoso. Outro tanto de Lisboa. O dobro. Mil de Avanca. Mais 50\$ de Espoende. Mais 70\$ do Lobito. Mais 50\$ do Porto. Idem. Mais 20\$ dos Carvalhos. Mais 150\$ da Praia da Rocha. Mais 20\$ do Crato. Mais mil de um médico de Luanda, o qual manda também dois contos para o Património dos Pobres. Quem será ele? Mais 500\$ das Caldas. Mais 200\$ do Porto, Mais 50\$ de Castanheira de Pera. Mais 60\$ de Lisboa. Mais 100\$ idem. Mais 20\$ de Coimbra. Outro tanto do Porto. Mais 500\$ de Tomar. Mais 20\$ do Porto. Outro tanto Caldas. Mais 200\$ Viseu. Mais 20\$ Coimbra. Mais 100\$ idem. Encomendas e senhas e guias dos C. T. T. e da C. P.,—não vamos dizer com verdade, que um e outro andaram por nossa conta nas festas do Natal e Ano Novo. Não vamos dizer. Mas que ambos levaram muito má vida, isso sim. Isso dizemos sim senhor. Também não dizemos que todas, mas muitas vilas e aldeias e lugares e cidades, tanto de aquém com de além, vieram até nós com seus presentes. No Lar do Porto, recebeu-se um rol; mercearia, doces, roupas, vinhos de mesa, donativos. Ao Espelho da Moda foi o Morris por três vezes. Não ficou uma polegada por encher. Mais 5 contos de Lisboa. Mais um cheque de Lourenço Marques. Mais dois contos do Porto. Mais 20\$ de Vila Real. Mais uma bicicleta. Mais 50\$ do Porto. Mais 300\$ da Câmara dos Corretores do Porto. Mais outro tanto da capital. Mais 100\$ de Envendos. Mais do Porto um cheque de 1.500\$ com nota da sua distribuição. Cumpru-se. Mais 100\$ idem. Mais mil escudos de Lourenço Marques. Da mesma terra um maometano manda dinheiro pa-

ra os pobres e tem em sua casa uma imagem de Nossa Senhora de Fátima! Não há escravos, nem livres, pretos, brancos ou amarelos; ricos ou pobres. Não há. Somos todos irmãos. Mais 50\$. Outra vez alguém de Lourenço Marques a dizer *gostava muito de visitar o Barredo*,—e manda com quê... Mais mil do Porto. Mais da América do Norte uma carapuçada deles. Mais de Luanda, do navio «Carvalho de Araújo», 655\$. Era um cheque silencioso. Muito diz quem fala pouco. Mais 100\$ de Sá da Bandeira, oferta dos meus dois filhinhos. Mais 50\$ de Aveiros. Outro tanto do Sabugal. Entre as mil ofertas retiradas do depósito, cita-se uma dos Funcionários da Caixa Sindical Textil. Cita-se mais outra de 900\$ o primeiro ordenado de minha filha. Mais 100\$ de Estarreja. Mais mil na rua. Aqui os maises são indisíveis. Quanto mais distribuimos, muito mais recebemos. E' nas lojas. E' nos mercados. E' das janelas. São viajantes. São engraxadores. Carrejonas. Padeiras. Notas grandes. Outras pequenas e sujas. São moedas de prata. Tostões. Tudo. Admirável! E tudo são os pobres!! O Barredo é no coração da cidade. Dali sai gente para as fábricas, oficinas, escritórios. Sai a mulher dos recados, a que entrega as casas, a costureira a dias. E' um mundo. Toda esta gente vai e fala a outra gente. Tenho dado fé de pessoas que me seguem a solucionar! Quem são? Porque choram? Porque não me falam? Ouviram dizer. Conhecem. Sentem. Amam. Eis. Lágrimas! Não sei de testemunha mais adequada contra a esmola espectacular dos nossos tempos. Os bodos. Os cortejos. Os bailes. As paradas. O bonito. Mais 500\$ do Porto. Mais 2.500\$ de Lisboa. Mais 500\$ idem. Mais 400 angolares. Mais 100\$ algures. Mais o dobro da capital. E do Porto que também é capital 300\$. Mais 100\$ de Tondela. Mais outro tanto de Val Prazeres. Mais 30\$ de Lisboa. Mais 50\$ do Porto. Outro tanto de Guimarães. Mais de Torres Novas 50\$. Mais das Caldas 20\$. Mais 500\$ de Miramar. Mais 100\$ de Aguada de Cima. Da Murtosa metade. Mais 20\$ de Mira. Mais 100\$ de uma telefonista do Porto. Mais de Abrantes mil de um que diz *embora pouco católico aqui estou*. Está este e estão muitos. Se fomos a ver, o donativos mais fervorosos e de volume, são assim. A Clementina digo que sim. Mais de Lisboa 5 deigos e outra vez de Lisboa mil. Do Porto a quarta parte.

Chegado a esta altura, torno a pedir calma aos que deixam as suas ofertas na depósito ou no Lar do Gaiato; sabendo-se que tudo quanto ali se entrega, aqui se entrega. Para usar uma hipérbole de S. João Evangelista, não caberiam no mundo os livros, se fossemos a publicar! Esta hipérbole é adequada porquanto, aquelas coisas são o fruto da palavra do nosso Mestre. São sim senhor. O que eu digo não é meu. Mais 100\$ de um de Marmeleite. Mais 150\$ do Gaz e Electricidade. Mais 40\$ de Aveiro. Mais 250\$ do Porto. Mais idem 100\$ Mais idem idem. Mais idem Lisboa. Mais 500\$ do mesmo sítio. Mais 50\$ e mais 20\$ do Porto. E este assombro é do Porto: *pedi dinheiro emprestado e mando aqui 10\$*. Do Porto mil. 750\$ idem. Da Covilhã 500\$—para o alfaiate surdo-mudo. 100\$ de uma pobre pecadora de Lisboa. De Pinhel 40\$. De Leiria o meu primeiro ordenado 925\$. Oh heroísmo! Só o conhecimento de Deus Vivo causa estes excessos! De Lisboa mais heroísmo; 70\$ o primeiro dinheiro que recebi. Do Porto 25\$. E mais nada.

# AGORA

Isto é a transcrição de uma parte; o todo vem no recorte de um jornal diário:

Hoje temos de ajoelhar ao passar da procissão e fazer um acto de fé nas riquezas insondáveis de Cristo, por amor das quais, e por mais nada, vão aparecendo aqui e além outras riquezas ignoradas. Ignoradas, sim, até do próprio possuidor! Gosto de revelar estas Verdades.

A frente é uma família que veio no dia de Natal com doze deles e pedido de levantar uma casa na cidade de Guimarães. É uma dúzia. Muitos há que dão o mesmo. Aonde havíamos nós de ir buscar esta força que desentranha riquezas do coração, se não fossem as insondáveis riquezas do Coração de Jesus? E que há no mundo de belo que não seja Ele?

Esta família não reside, mas é de Guimarães. Desejaria ver ali a obra implantada, porque lá há muita gente rica, disseram. Esta família é, sem dúvida; além do mais, deixou uma máquina Singer e o chefe pagou generosamente a assinatura do jornal. Trata-se de ricos. Há duas espécies; os que movimentam seus dinheiros e estes são fermento e fomento. Os que agacham e estes são peste. São a peste. Vamos ver se são uma coisa ou outra os ricos de Guimarães.

Temos o cheque, mas não podemos construir; falta-nos jurisdição. O Património é uma Obra da Igreja e da Concordata. Mesmo os vicentinos, construindo delas, devem entregar. Fuja cada um do conceito da sua obrasinha. Que ninguém se diminua. Vida por vida, é o lema dos obreiros do Evangelho. Devemos a vida inteira a Cristo Jesus. Demos por Ele a vida inteira.

Por nós, não somos nem valemos nada. Que apareça, pois, o homem da cidade de Guimarães e combinaremos o sítio aonde se deve construir esta, que será a primeira de um grupo de dez. E sem as nove eu não dou esta; irá para outros que estejam trabalhando. Nós cá somos assim. O terreno não deve ser comprado. Cedido. Dado.

Mais largueza que vai passar outro. Temos hoje magestosa procissão. Tendo eu aberto uma carta aonde se acusava o recibo de um cheque de doze, eis que a seguinte trazia dentro um cheque de doze. Ela por ela! Mas ele ainda haverá no mundo quem duvide da presença e do governo do Deus Vivo; o Deus de Isac, de Jacó e de Abraão; ainda haverá? Se sim, anda atrasado!

«Para mais um empurrãozinho no «Património dos Pobres» aqui vão—como o Sr. costuma dizer—doze deles.

«Um avô de dez netos» (10 a 1.200\$00 cada=12 000\$00). Havia de ter graça se a legenda da assinatura contagiasse outros componentes da numerosa e fecunda «classe dos avós»...

—De qualquer modo, «vamos prás mil», não é verdade?...

E' sim senhor, vamos prás mil. E como não, com empurrãozinhos desta natureza! E por quem! Um avô: O carimbo da carta é de Lisboa e no envelope vinha um timbre porém, de tal forma riscado, que nem Avelino nem Júlio foram capazes! Não se sabe quem é. Assim se escondem os discípulos. A fecundidade da esmola reside toda aqui.

Além de um grandioso baile a realizar no próximo dia 31, nos salões da Câmara Municipal, projecta a comissão levar a efeito um récita e um sorteio que certamente terão acolhimento digno da comissão que o promove. A comissão ao tomar posse e ao serem conhecidos os trabalhos que se propõe realizar, teve a abrir a subscrição o importante donativo de 5 mil escudos do sr.; gesto que não podíamos deixar de tornar público e cujo nobilitante exemplo muito gostaríamos de ver seguido.

A epígrafe é *Obra do Património dos Pobres*. Até onde chega a verdade, não sabemos; os jornais nem sempre são exactos. Mas o escrever se, já é muito.

Os «padres da rua» fizeram entrega à Igreja; não puderam ter escolhido melhor. Hoje, rogam aos Bispos, vigilantes e defensores, que não deixem entrar a tinha. Nós não somos contra os bailes —na sua hora e lugar. Aqui não. Aqui são uma injúria. Bailes e o mais. Estes processos não cabem no seio de uma obra cristã.

Quem quiser fazer casas para pobres ou promover que outros as façam, têm de subir o seu calvário *Cotidie*. É ali que nós encontramos tudo. Subir gemendo Subir chorando. O resto é mundo e o Mundo é a mentira.

Deixa se ir este libelo na procissão; que cada um bata no peito.

## Património dos Pobres

Esperamos que ninguém fuja com a ideia de que o cristianíssimo movimento destas casas, se apresenta como quem pretende resolver o chamado problema social. Não apresenta. Não poderia jamais fazê-lo. Ninguém o resolve sem primeiro resolver o seu. Não é de cima para baixo. Não é de baixo para cima. É de dentro para fora. E é cada um. Ao contrário, pois, de sublimes pretensões, os *padres da rua* desejam apenas ser tomados à conta de servos, tais como o Evangelho os define, e neste sentido, estão cumprindo os mandamentos da Lei de Deus. É isto. Mais nada. E basta!

É o povo que faz a língua, falando. Depois vêm os sábios colocar cada adjectivo em sua gaveta. É o amor de Deus que faz estas casas, construindo. Depois virá a técnica pôr as coisas no seu lugar. Mais nada.

Damos hoje cópia de uma carta dirigida à gerência da Cerâmica do Carvalhinho, Gaia; e assim como as Fábricas Aleluia de Aveiro, também aquela há-de responder. A seu tempo iremos a Sacavém e por aí fora a tolar as portas. É necessário que seja de todos um movimento para o bem de todos.

Se alguém não quiser, por ter de ir enterrar o pai, que vá. Deixá-lo. Temos os vivos.

«Vimos dar uma encomenda de algumas placas que se destinam a casas do Património dos Pobres; e para dizer tudo, assim como a Gerência das Fábricas Aleluia já nos ofereceu mais de 50 delas, nós temos vergonha de lá tornar e vi-mos aqui buscá-las pelo mesmo preço, agradecendo antecipadamente, em nome dos Pobres.

- Casa Maria da Beira—Africa
- Casa do Município da Beira
- Casa do Município de Giza
- Casa de Santo António
- Casa de Nossa Senhora de Fátima
- Casal de S José
- Casa dos Agricultores do Chimoio
- Casa do Trigo
- Casa da Emissora da Beira
- Casa da Lunda Chitato
- Casa do Libolo
- Casa dos Empregados da Manica Trading Co.—Beira
- Casa dos Funcionários do Instituto do Vinho do Porto
- Casa «10 Netos»

N. B.—Letra azul sobre branco.

A lista começa pela *Maria da Beira*, Africa Oriental, e termina por um *Avô de Lisboa*, que deu uma casa aos seus 10 Netos. Geografia, nomes, coração. São os mandamentos da Lei de Deus! É sobretudo o novo mandamento! Só ele é capaz de suavisar a questão social.

Uma nota interessante é que o nosso fornecedor de telhas, Mourão & Teixeira Lopes, acaba de pedir ao mestre de obras para fazer alto, por algum tempo; que já passa de cinquenta mil telhas! Quantas famílias ao léu, hoje abrigadas! Quantas orações! Como não há-de Deus amar esta Obra, pois se ela é nada mais do que o Seu mandamento—como não há-de amar!

As de Amarante foram entregues no dia 20 de Dezembro.

Na freguesia de Parada de To-deia, houve entrega de duas no fim do ano e também duas no princípio na freguesia de Lagares, concelhos de Paredes e de Penafiel.



Casas de Alpalhão. Alguém dali, que se assina a quem, tem feito o maravilhoso. Dentro das regras do Património fornece casas aos Pobres.

## BEIRA À VISTA

Beira, isto é, África. Na véspera do Ano Bom, recebi notícia de estar ao telefone no dia seguinte, nove da manhã, para atender a Beira. Assim fiz, Júlio ao pé. Passou uma hora. Passaram duas. A estação ia fechar e nada! A telefonista informa que não tinha circuitos. Não percebi nada. Pergunto ao Júlio. Ele explicou. São eles que me ensinam e eu passo por mestre!

Vem o dia dois. Tinha posto ir ao Porto manhãzinha, mas deixei-me ficar até ver. Não me enganei. Passava pouco das nove quando a Beira deu sinal. Tomo auscultador, Júlio ao pé. Primeiramente Cete, a seguir Penafiel e Porto, por último Lisboa. Ouvia distintamente vozes das telefonistas, como se o recado fosse para elas! Eram vozes de espuma, alegres, compartimentadas; quase explosivas! A seguir a elas vem a Beira. Fala o Magalhães Costa da *Casa Caravela*. Fala por ele e fala por todos. Quase desmaiei ao ouvi perguntar quando é que eu tornava! Tornar à Beira! Tornar à nossa África! O que aquilo foi quando eu por lá passei! O que tornaria a ser se lá voltasse! Mirabilis Deus!

Magalhães Costa, anuncia que vem a caminho a carta de chamada para um dos nossos, o qual segue brevemente. Espero que ele cumpra. Ali perto já se encontram três deles. Este é o quarto. Espero no fim do ano que outros sigam este caminho.

Vem a propósito um anúncio que vou pôr aqui com vista a Empresas, Companhias ou Particulares do nosso Ultramar: Um ferreiro da Casa do Gaíato oferece-se. Não é mestre, mas tem prática. É alto como uma casa. Forte como um boi. Nunca esteve doente. É ilegítimo. Está terminando o serviço militar. Tem defeitos. Tem qualidades. É um homem. Pede-se para ele uma carta de chamada, já que o *Culpado* o não faz!

## O NOSSO LIVRO

Como estão vendo, contando que muitos já receberam; como estão vendo, digo, é um livro pequenino. Metade do que tem sido e é também metade do preço—dez escudos.

Já fiz ver ao Júlio que isto até parece uma comedela, mas ele disse-me que não. Que um livro ilustrado é sempre um livro caro. Ora o Ovo, para usar a frase de um dos vendedores, tem muitas revistas.

Por outro lado, Júlio, para me ver animado, declara que eu tenho o dom de dizer muito em poucas palavras, daí um opúsculo que daria um grande livro noutra caneta. O que mais me embaraça, porém, é estar notando as grandes somas enviadas adiantadamente por futuros leitores. Nem os livros estrangeiros! Ora o livro não vale.

Resultado. Meto o livro na procissão e acabou. Se ele é na verdade um relatório das casas, pois que seja para elas o seu produto. Pronto.

# PELAS CASAS DO GAIATO

**PAÇO DE SOUSA** Tem estado num dos quartos do nosso hospital, doente, o nosso íntimo amigo António Sérgio, chefe geral da nossa aldeia. Desejamos-lhe rápidas melhoras, para seu e nosso bem.

— O nosso novo livro, o *Ovo de Colombo*, já está praticamente pronto, pois estão impressos todos os cadernos e as capas, faltando simplesmente coser. Por isso pedimos aos senhores que estão interessados, para fazerem a sua inscrição o mais rápido possível, para não se acumularem os trabalhos e sair tudo o mais limpo possível.

— Agradecemos ao União Sport Clube de Paredes, um grupo que pratica bom futebol e se encontra no segundo lugar, com grandes probabilidades de passar ao primeiro, por nos dar sempre entrada no seu excelente parque de jogos. Boa sorte União.

— Este Natal foi dos melhores que cá temos passado. Começou no dia 21, quando a senhora disse a brincar ao Cândido Pereira, para ir distribuir rabadadas aos da casa 2, da qual ele é chefe. Este não se fez rogado e toca a distribuir... Nisto chega o Pombinha esbaforido a dizer que a senhora estava a brincar, mas já estava o alguidar vazio, pois não havia mãos a medir...

No dia 24, então é que foi... Batatas com bacalhau, sletria, rabadadas, vinho fino e bolo rei, que nos foi oferecido pela senhora mais nossa amiga, que não quer que ponhamos o seu nome no *melhor do mundo*.

Também tivemos cá um espectáculo, que o grupo cénico preparou e que embora não atingisse o brilhantismo desejado, saiu muito regular. Veio à cena: Vinho do Dão, comédia em um acto; o Criado Distráido, também em um acto. O Alberto e o Pombinha cantaram e tocaram castanhetas. Houve também um acto de variedades. Nesta festa distinguiram-se os artistas: Cândido Pereira, António Machado, Alberto e Osvaldo Alves.

Por último, houve a Missa do Galo, cantada e muito bem pelo orfeão, comandado pelo Sejaquim.

— No dia 25, o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato derrotou o Bairros, por 22-4. Eles derrotaram uns rapazes ao calha. Foram-se gabar que ganharam ao Paço de Sousa e puseram no jornal. Por isso o Gaiato deu-lhes 22 e não lhes deu mais, porque se puseram a brincar... Os nossos melhores foram: António Sérgio e Rui Tereso.

— Tenho muito a agradecer à senhora D. Maria Miguens Silva, por me ter enviado selos. Também me foi enviado outro pacotezinho deles, que não sei quem me enviou. Quanto a jornais, foi-me enviado um pacote deles, do senhor Agostinho Ricon Peres, do Porto, que já é a segunda vez. Também um senhor de Coimbra, que não sei o seu nome, me tem enviado vários jornais e pede-me uma Ave-Maria pelas melhoras de uma doentinha. Muito obrigado e já cumpri.

— Meus amigos, tomem nota de mais uma. Batem à porta do refeitório das grandes, estando estes na mesa e ninguém faz caso. Estanando a bater e mais vezes, até que o Caçola se pôs em pé e disse: Vocês são muito mal educados, ouvem bater à porta e não fazem caso e deve ser algum superior... Vai ele abrir e qual não foi o seu espanto ao ver entrar o senhor Mário, perante as gargalhadas dos que se encontravam presentes!...

— A alguns dos nossos rapazes da venda foram dados bilhetes, por jogadores do Sporting, para irem a Guimarães assistir ao Vitória-Sporting, mas foi só o José Presta, que é o que lá vende. Para o Porto, veio no automóvel do grande internacional Travassos, que gosta muito dos gaiatos, nos quais conta em cada, um amigo e admirador. Mais um grande viva ao Sporting!

Daniel Borges da Silva

**TOJAL** Não sei como agradecer aos leitores que têm atendido os meus pedidos e aqui nestas notas. Pedi cadernos escolares e só a Beneficência Aboim Ascensão mandou 300. A fábrica da Abilheira manda 10 mãos de papel pardo e 4 rebitas de papel branco, liso. Camisolas, a Senhora e os rapazes andam todos contentes porque estamos a contar que chegue uma para cada um. Nós somos 120. Já há dias recebemos um postal que dizia— Estamos em dia com as camisolas. Já vieram. Eram 50 feitas por umas senhoras nos seus serões.

— O Madeiras que é agora quem vende o famoso nas companhias, quando chega da venda traz sempre a cara alegre porque tem sido bem recebido em toda a parte e vende as mãos cheias. Ele vendeu quase tantos como os outros vintes rapazes à porta da igreja. Agora pelo Natal, tem trazido muitos embrulhos de roupa e cartas, tem trazido muitos embrulhos de

— O *Corre Mundo* está para a loja a preparar a consoada dos nossos pobres. É bacalhau, batatas, azeite, e um quilo de açúcar e 50\$. Também entregamos duas casas novinhas, as mais bonitas que até agora temos feito, a dois dos nossos pobres. Uma casa do Património que vagou há dias, vai ser também entregue a uma pobre que estava no hospital, e lá leu no jornal a notícia de que o marido morreu atropelado por uma camionete. Ela doente e três filhos pequenos ficaram na miséria. Nem do seguro receberam nada. E fomos nós que lhe valemos com uma casa e com donativos, logo que ela saiu do hospital. Um dos filhos veio para nossa casa enquanto ela esteve no hospital.

— Quereis uma cena? Estávamos nas aulas a dar lição de História de Portugal. Sem ninguém esperar eis que o Sr. P.º Adriano entra com presépio de cartão por armar. Distribuímos, e damos boa conta da tarefa, foi obra de duas horas completas. Uns coloriam, outros cortavam, outros arrumavam. As ideias choviam. Todos à uma queriam ser melhor. Agora, nas duas escolas é o fim do mundo. Ninguém pára nas obrigações. Todos correm a espreitar os presépios armados, onde não faltam as pedras, o musgo, a água a correr (!) os castelos, os moinhos etc...

Joaquim A. Gouveia Marques

**LAR DO PORTO** No dia 15 de Dezembro, recebemos do Ex.º Sr. Manuel Meneses, uma caixa com seis garrafas de vinho do Porto, atendendo ao pedido do cronista, pedido este, feito num bilhete Postal. Este Senhor por, sua iniciativa, soube responder ao papel, ao qual nós deste Lar muito gratos estamos.

— Cá em casa, também temos biblioteca, onde passamos as horas do ócio, entretidos com leituras e jogos. Acontece várias vezes, que nas paredes, costumamos pôr separatas dos grupos portugueses de futebol. Mas eis que o chefe, não gosta, por motivo de estragar as paredes. Mas há mais: de vez em quando há barulho, por causa das separatas; uns, que são portistas, outros são sportingistas, e lá vamos nós ao tribunal, para se averiguar.

— Também jogamos a bola de vez em quando, principalmente aos domingos e feriados que não se trabalha. No dia 8 de Dezembro, terça-feira, resolvemos todos ir passar uma tarde de futebol ao «Campo do Luso», com ordem dos Ex.ºs Directores do Académico. Entre todos os rapazes do Lar, resolvemos fazer duas equipas: A e B. Um jogo muito tenso, entre as duas equipas A equipa—A, tendo dois reforços notáveis, Inácio e Sinfães, não conseguiram, ir além da derrota, imposta pela equipa—B, que se exibiu com perfeição. Da equipa—B, Hêlio marcou 3 golos. Resultado final: 5 para a equipa—B, e 3 para a equipa—A.

Manuel Henrique (Hêlio)

## A VENDA DO JORNAL na Murtosa

Venho pela primeira vez falar da venda do nosso famoso, na Murtosa. Eu vendo 150 mas ainda poderei vender mais, sou mesmo da Murtosa, e todos me conhecem bem. Esta quinzena comi em casa da sr. Laura Cravo, fui bem recebido e desde já muito grato; também agradeço ao Ex.º sr. Dr. João Carlos e à sua Ex.ª esposa, porque foram eles que me meteram na Casa do Gaiato, se não fossem eles não sei o que seria de mim.

Também agradeço a todos os meus clientes, eles são muito meus amigos.

Se esta crónica for mal feita os senhores não se zanguem porque foi pela primeira vez.

Amadeu da Silva Réclo

## em A'gueda

Mais uma vez me encontro a fazer a crónica da venda em A'gueda, que não correu lá muito bem. Fui comer a casa do senhor Jorge Janossa, onde comi muito bem. Desta vez até já nem fui pedir ao polícia a boleia. E já que estou a falar na polícia, quero agradecer a generosidade que a senhora das camionetas teve para com a gente, ao mandar-nos os bilhetes para a viagem. Talvez fosse a última vez que fui vender a esta vila. Não penso os amigos leitores que foi por castigo. Não. Foi unicamente por já estar a ficar velhote. E como vou sair da venda do jornal, pedi qualquer coisa ao Pai Américo de prémio, mas ele não tinha nada. Andei a ver se por lá encontrava alguns patins, mas também não encontrei nada. E por isso, se houver algum leitor que me queira enviar alguma lembrança, não esquecendo os patins. Desde já, muito grato lhes fico, sim, porque isto da venda, é como um jogador que se despede.

E ao acabar esta minha última crónica, quero pedir desculpa de qualquer asneira, de

## NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

Hoje temos uma procissão! Ora então vimos dar-lhe forma: Aires Mousinho, nosso assíduo leitor e assinante, da estação dos Caminhos de Ferro de Benguela, 100\$. De Monção 50\$. Sapataria 25\$. O Porto com 70\$. Lavinia Barreto Nunes expediu um vale de correio de 1.000\$, para pagamento do jornal, etc. sendo o remanescente para a Conferência, 900\$. Ermezinde não quis ficar em casa, 40\$. Os da Administração do jornal, que estavam aqui, das cartas que vos enviam, dizem aqui numa papeleta: 50\$ do Ultramar para a Conferência. Amélia Castro Tavares de Sousa, da Murtosa, — viveiro de Avares da Casa do Gaiato, — 20\$. Agora temos uma carta para abrir: junto envio 50\$ para os Pobres da Conferência. Esta importância é enviada como promessa que fiz pelos bons resultados obtidos por minha filha no 5.º ano de Liceu. E de Tomar. A seguir aparece Lourenço Marques, 70\$. Oh saudades das saudades! Ou não fosse Lourenço Marques uma cidade das mais portuguesas de Portugal. Abel Moreira Barbosa, nosso visinho e amigo, 50\$. Espinho, assinante 26.322, 50\$. Manuel Soares de Almeida, 100\$. Torres Novas 50\$. Assinante 16.480, 20\$ e mais 40\$ de Algueres. Assinante 8.644, 50\$ e do número 25.401, 20\$. Temos agora outra carta, que me trata — e muito bem — por confrade e amigo: *Embora ataxados, (mais vale tarde que nunca), ai vão 50\$ para a vossa Conferência. Do Vicentino assinante 11.119. Assim é pregada a Caridade Universal. Outro assinante, o 16.079, com 50\$. Por este andar, podemos afirmar que hoje esta coluna uma procissão dos assinantes. De Uma Mãe 10\$. O gesto, a maneira, diz ser Uma Mãe. Armando Vicente Ferreira 20\$. Para ajuda da conta da farmácia 20\$. Senhoras e senhores, muita cautela e muito respeito, por causa desta Migalha para os Pobres da Conferência: manda uma mulher que anda aos dias a trabalhar pelas casas*

alguma coisa que eu tivesse feito, quando das minhas visitas por algumas casas. E que me peça para que os senhores se não esqueçam.

Sei que muitos senhores vão estranhar, mas nunca deixem de comprar o melhor jornal. Uma vez mais adeus para todos e desejei-lhes um ano muito feliz. Não esqueçam que estou ao Lar do Porto, rua D. João IV, 682.

Manuel Figueiredo (Risonho)

## no Porto

É pela 2.ª vez, que comunico aos amigos leitores a venda no Porto.

Começo por dizer que saímos de Paço de Sousa pelas 5,30 da manhã para chegarmos a tempo do comboio das 5,50 e chegarmos ao Porto às sete horas.

Depois dirigimo-nos para o Lar onde o chefe nos dá os jornais, e cada qual na sua zona faz a sua venda com os fregueses e conhecidos.

A venda em que nós vendedores gostamos mais foi desta última. Decerto os senhores já sabem porquê.

Aquilo era consoada daqui, dali, além, e muitos rapazes tiveram de ir guardá-las ao Café Imperial.

Eu também tive, foi as senhoras dos correios, que não esqueceram de mim.

Da sapataria Antoninho também me deram 50\$, os quais entreguei ao Pai Américo.

Da oferta mais pequenina à oferta maior tenho muito a agradecer aos meus fregueses que não se esqueceram.

A todos um sincero obrigado.

Também quero agradecer a uma senhora de Viana do Castelo que me ofereceu uma camisa, de que muito gostei. É muito bonita.

António Martins (Papagaio)

## o Aveiro

Já lá vão dois anos que eu fui vender pela primeira vez a Aveiro e nunca tive a lembrança de escrever para o nosso jornal mas vai agora e ainda vai com tempo.

Vendo agora 170 jornais mas estou esperançado em chegar aos 200 e a cidade de Aveiro pode muito bem chegar a esse número se todos os Aveirenses adquirirem novos fregueses que eu com a ajuda de Deus e, também com mais um bocadinho de esforço hei-de ver os meus desejos coroados.

Em Aveiro há muitos amigos da nossa obra é escusado dizer pois eles são tantas; todos os domingos me fazem muitas perguntas e me oferecem de comer, mas muitas das vezes eu sou obrigado a contrariá-los porque já estou comprometido e agora resolvi ir a quem me chamar primeiro.

Andam agora nesta cidade o dos pobres fundos para casas do Património dos Pobres e oxalá que todos os Aveirenses contribuam para isso porque mais uma vez enchem de orgulho a linda cidade.

E agora despeço-me de todos os Aveirenses e até à próxima, sim?...

João Luciano Lopes Jorge

por alma de seus pais, um irmão e uma tia e pelas suas intenções. No fundo o sóbrio papel escrito a lápis: *Praça da República — Porto*. Estas mulheres heróicas, são colunas do mundo. Dificuldades, canseiras, aflições — eis a vida da mulher a dias. Impossível que Deus não as recompense. Mais uma carta; hoje apeteço abri-las e precisamos de as abrir, para o sangue jorrar e tingir-nos: *Envio essa lembrança, 50\$, para os infelizes da Conferência. Peço desculpa de ser pouco. Nas suas orações juntamento com as dos rapazes, lembre-se de orar para a conversão do meu marido. Eu também sou uma infeliz. Deus escreve direito por linhas tortas. O sofrimento pode ser imolação para uma alegria muito grande. Mais o assinante do *Famoso*, número 7 255, 50\$. Uma Maria do Porto mandou 20\$. António Henrique Coelho 50\$. De Ninguém, 250\$. De Faro 50\$. Dizem-me que os algarvios são frios a dar, este diz que não. A seguir 50\$ para os Pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, pela saúde de todos nós que somos 5, duma anónima das Escadas do Monte Cativo — Porto. O Porto é um despejar constante e interminável. B. A. outro tanto. Amélia Reis de Almeida 75\$. Assinante 5.307, 250\$. E o número 22.185, 150\$. E mais 20\$ de Algueres. Temos à nossa frente 300\$ de Margarida Moreira de Mahalamba (Inharrime) — terra dos devotos do «Património dos Pobres». É a África. Dos laços que a unam à Metrópole, nenhum maior que esta comunhão espiritual e material — a Caridade. Pelas letras conhecemos quem torna muitas vezes: para o Natal da Conferência de S. Vicente de Paulo da Nossa Aldeia, 50\$. Só agora soube que é de Setúbal este devoto ou devota, graças à nota à margem escrita pelo punho do Pai Américo. Mais dentro dum envelope 25\$, com indicação de ser para a Conferência de Paço de Sousa, de uma promessa. 40\$ de Algueres. Mais um anónimo. Isaura Amélia da Costa, de Lisboa 24\$. Atenção! Luanda à vista: queiram ouvir:*

«Queridos amigos e irmãos em Cristo: Vem aí o dia de Natal, o dia do Nascimento do Redentor.

Vós Vicentinos, que tendes a caridade de minorar as amarguras da vida de nossos irmãos menos afortunados deveis precisar que todos vos enviam alguns poucos do labor diário.

Para colaborar convosco e para nós e os nossos irmãos mais pobres me distingam com o favor duma breve oração, pedindo ao nosso Bom Deus me perdoe os pecados cometidos e me ajude a encontrar o verdadeiro caminho, aumentando a minha Fé e a minha Virtude.

Aí mando duzentos angolares, para as vossas necessidades e para que os nossos irmãos tenham um dia de Natal mais feliz.»

Antes de receber «O Gaiato» do grito de alarme para a consoada, antecipou-se e caminha em lugar muito especial. África incendiou-se de tal maneira, que o fogo alastra cada vez com maior intensidade. É o Pobre. A sua vida amargurada e imerecida. Isto é que é o vilcro da agitação. De Uma Maria da Batalha 50\$. O nosso assíduo Bêbé n.º 3 escreve, explica-se e diz:

«Junto envio, para a Conferência de S. Vicente de Paulo, Esc. 20\$, pelo bom exito de uma operação que sofri, e Esc. 20\$, das minhas quotas de Setembro e Outubro p. p.»

Perdoe o atraso das minhas quotas, que é devido a outros atrasos — dificuldades de vida..

Bêbé n.º 3»

Que Deus se lembre dos seus atrasos, são os nossos votos. E venha sempre que possa, que nos dá muita alegria. Assinante 20.560, 10\$. Lisboa caminha com 40\$. E, ia dizer que terminava, mas não; Avellino chega agora mesmo e dá-me esta carta: *Peço o favor de entregar a quantia junta aos Pobres da v. Conferência, por acção de graças dum pedido feito ao Santo Padre Cruz. Um Pai. E mais 40\$ do Porto. E Amadeu Garcia Pereira, cliente da nossa afamada tipografia, que ao fazer uma liquidação de serviços, entrega a diferença para a grande despesa da consoada dos Pobres. Bem hajam todos. E até de hoje a jorna, se Deus quiser,*

Julio Mendes

## PROPAGAI

«O Gaiato»

Angariando novos assinantes

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA